

*"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC*

# MAGO

LIVRO UM  
APRENDIZ

Raymond E. Feist





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

## SUMÁRIO

Prefácio à edição revisada .....	11
Livro 1 – Aprendiz: Pug e Tomas .....	15
Capítulo 1 – Tempestade .....	17
Capítulo 2 – Aprendiz .....	32
Capítulo 3 – A Torre .....	52
Capítulo 4 – Assalto .....	69
Capítulo 5 – Naufrágio .....	85
Capítulo 6 – Conselho dos Elfos .....	112
Capítulo 7 – Compreensão .....	138
Capítulo 8 – Viagem .....	162
Capítulo 9 – Mac Mordain Cadal .....	192
Capítulo 10 – Resgate .....	212
Capítulo 11 – A Ilha do Feiticeiro .....	230
Capítulo 12 – Reuniões .....	251
Capítulo 13 – Rillanon .....	271
Capítulo 14 – Invasão .....	290
Capítulo 15 – Conflitos .....	311
Capítulo 16 – Investida .....	329
Capítulo 17 – Ataque .....	357
Capítulo 18 – Cerco .....	385
Agradecimentos .....	406
Agradecimentos à edição revisada .....	407

*Este livro é dedicado à memória do meu pai, Felix E. Feist,  
um mago em todos os sentidos.*

Illa dos Destacamentos

Tundra dominada pelos Chun

Cidade dos Magos

IMPÉRIO DOS TSURANUANNI

ACOBOLINA

Neshka

Mixoxa

Migran

Tusan

Nar

Rul

Pesh

Mar de Sangue

KELEWAN

Banganok  
(Ruínas)

OUSTARI

TSUBAR  
A Terra Perdida

Grandes Desertos





## Prefácio à edição revisada

**É** com alguma hesitação e uma grande dose de ansiedade que um autor encara a tarefa de revisar a edição anterior de uma obra de ficção. Isso é especialmente verdadeiro caso o livro tenha sido sua primeira tentativa, considerada bem-sucedida pela maior parte dos critérios, e que venha sendo reeditado ao longo de uma década.

*Mago* foi tudo isso e muito mais. No final de 1977, decidi tentar escrever em meio período enquanto trabalhava na Universidade da Califórnia em San Diego. Passaram-se cerca de quinze anos e há catorze sou escritor em tempo integral, com tal sucesso nesse ofício que ultrapassou todos os meus sonhos. *Mago*, o primeiro romance do que viria a ficar conhecido como A Saga do Mago, foi um livro que logo ganhou vida própria. Hesito em admitir publicamente, mas a verdade é que parte do sucesso do livro se deve à minha ignorância quanto ao que torna um romance um sucesso comercial. O meu anseio de mergulhar cegamente numa história que abrange dois mundos diferentes, cobrindo doze anos das vidas de várias personagens principais e dezenas de secundárias, quebrando diversas regras de enredo pelo caminho, parece ter encontrado almas gêmeas entre os leitores do mundo inteiro. Depois de uma década à venda, acredito que o que torna o livro cativante tem a ver com o fato de se basear no que era conhecido como “narrativa arrebatadora” (*ripping yarn*). Eu tinha poucas ambições além de criar uma boa história que contentasse meu senso de encantamento, de aventura e de fantasia.

Ao que parece, milhões de leitores — muitos dos quais leram traduções em idiomas que sequer consigo imaginar — também acharam que ela satisfazia o seu gosto por tais narrativas.

Apesar de ser uma primeira tentativa, algumas pressões do mercado surgiram enquanto eu trabalhava na versão final do livro. Independentemente do critério, não há dúvida de que *Mago* é uma obra extensa. Quando a penúltima versão do manuscrito chegou à mesa do meu editor, fui informado de que teria de cortar cerca de cinquenta mil palavras. E assim fiz. Na maioria das vezes, linha a linha, embora também tenha eliminado ou fundido algumas cenas.

Ainda que conseguisse seguir minha vida sabendo que o manuscrito original tal como fora publicado seria a única edição a ser lida, sempre achei que parte do material cortado acrescentava uma determinada sonoridade, diria até mesmo certo contraponto, a elementos fundamentais da narrativa. Relações entre personagens, detalhes adicionais de um mundo estranho, momentos secundários de reflexão e júbilo que atuam para equilibrar os momentos mais frenéticos de conflitos e aventuras, tudo isso estava “quase lá, mas não era exatamente o que eu tinha em mente”.

Seja como for, para celebrar o décimo aniversário da publicação original de *Mago*, tive permissão de regressar a esta obra, reconstruí-la e alterá-la, adicionar e cortar como achasse melhor, para produzir o que é conhecido no mundo editorial como a “Edição Preferida do Autor”. Assim, com a antiga advertência “se não está quebrado, não conserte” soando nos ouvidos, regresso à primeira obra que realizei, quando não tinha pretensões de fazer disso uma profissão, ainda não era um autor de sucesso e, basicamente, não fazia ideia do que estava compondo. Meu desejo é recuperar alguns desses pedaços extirpados, alguns detalhes que pareciam contribuir para o vigor da narrativa, bem como para o valor do livro. O restante do material estava diretamente relacionado aos volumes seguintes, definindo uma parte do ambiente mítico por trás de *A Saga do Mago*. As discussões ligeiramente demoradas sobre sabedoria popular entre Tully e Kulgan no Capítulo 3, bem como alguns dos pormenores revelados a Pug na Torre das Provas, sem dúvida entram nessa área. Na época, o meu editor não aprovara a ideia de uma sequência, por isso algumas dessas partes foram eliminadas. Restaurá-las poderá parecer uma satisfação pessoal, mas, como eu sentia que esse material pertencia ao livro original, tive de recuperá-lo.

Aos leitores que já descobriram *Mago* e que perguntam se será do seu interesse adquirir esta edição, gostaria de tranquilizá-los dizendo que as al-

terações não foram profundas. Nenhuma das personagens que morreu está viva, nenhuma batalha perdida foi transformada numa vitória e dois garotos encontram o mesmo destino. Peço que não se sintam forçados a ler este novo volume, pois a memória que possuem do trabalho original é válida, talvez ainda mais do que a minha. Porém, caso desejem regressar ao mundo de Pug e Tomas e voltar a descobrir velhos amigos e aventuras esquecidas, considerem esta edição a oportunidade de ver um pouco mais do que foi visto na última leitura. Ao novo leitor, dou as boas-vindas. Creio que esta obra será do seu agrado.

É com profundo reconhecimento que desejo agradecer a todos, novos leitores e antigos conhecidos, pois sem seu apoio e encorajamento esses dez anos de “narrativas arrebatadoras” não teriam sido possíveis. Se tenho a oportunidade de lhes proporcionar uma parte do prazer que sinto em poder partilhar as minhas aventuras fantásticas com vocês, somos recompensados da mesma forma, pois ao receberem as minhas obras vocês me permitiram conceber muitas outras. Sem vocês, *Silverthorn* [*Espinho de Prata*], *A Darkness at Sethanon* [*Trevas de Sethanon*] e *Faerie Tale* [*Conto de Fadas*] não teriam existido, assim como não haveria uma *Empire Trilogy*. As cartas são lidas, ainda que não as responda — mesmo que às vezes demorem meses para chegar às minhas mãos —, e os comentários simpáticos, quando me apresento publicamente, enriqueceram-me grandemente. Acima de tudo, proporcionaram-me a liberdade de exercer um ofício que começou por “vamos ver se consigo”, enquanto trabalhava nos Residence Halls do John Muir College na UCSD.

Por isso, obrigado. Parece que “consegui”. Com esta obra, espero que concordem que *desta vez* consegui escrevê-la com um pouco mais de elegância, com um pouco mais de cor, valor e sonoridade.

Raymond E. Feist  
San Diego, Califórnia,  
Agosto de 1991

LIVRO 1 – APRENDIZ

# PUG E TOMAS

*“A vontade de um menino é a vontade do vento,  
E os pensamentos da juventude  
São pensamentos que duram muito tempo.”*  
— LONGFELLOW, *My Lost Youth* [*Minha juventude perdida*]

## Tempestade

**A** tempestade cessara. Pug saltava pelas rochas, encontrando pouco apoio para os pés no caminho entre as poças deixadas pela maré baixa. Os seus olhos escuros iam de um lado para outro ao examinar cada poça d'água debaixo da parte externa da falésia, procurando as criaturas espinhosas arrastadas para os bancos de areia pela tempestade que ali havia passado. Os músculos do garoto contraíam-se sob a leve camiseta ao levar o saco com rastejadores de areia e caranguejos apanhados naquele jardim marinho.

O sol da tarde fazia cintilarem as ondas que rebentavam à sua volta, ao mesmo tempo que o cabelo queimado pelo sol esvoaçava ao vento oeste. Pug largou o saco, verificou se estava bem fechado e agachou-se em um trecho de areia limpa. O saco não estava exatamente cheio, mas Pug gostava de ter mais ou menos uma hora para descansar. Megar, o cozinheiro, não o atormentaria pela demora se o saco chegasse praticamente cheio. Repousando encostado em um enorme rochedo, não demorou muito para que Pug cochilasse sob o calor do sol.

Um borrifo fresco e úmido o acordou horas mais tarde. Abriu os olhos, sobressaltado, ciente de que descansara ali tempo demais. A oeste, sobre o mar, sombrias tormentas formavam-se acima do contorno negro das Seis Irmãs, as pequenas ilhas no horizonte. As nuvens turvas e carregadas traziam a chuva consigo, como um véu sujo de fuligem, e anunciavam outra tempes-

tade repentina, como era habitual naquela zona costeira no início do verão. Mais ao sul, as altas falésias da Mágoa dos Marinheiros se erguiam para o céu, enquanto as ondas batiam na base do pináculo rochoso. Atrás das ondas, formavam-se cristas alvas, um sinal indubitável de que a tormenta não demoraria a chegar. Pug sabia que corria perigo, uma vez que as tempestades de verão poderiam afogar quem se encontrasse na praia ou, se fossem mais violentas, mesmo quem se encontrasse no terreno baixo mais afastado.

Pug pegou o saco e rumou para o norte, em direção ao castelo. Enquanto passava entre as poças, sentiu o vento fresco ficar mais frio e úmido. O dia começou a ser interrompido por retalhos de sombras quando as primeiras nuvens taparam o sol e as cores vivas deram lugar a tons acinzentados. À distância, sobre o mar, relâmpagos brilhavam na escuridão das nuvens e o ribombar distante dos trovões sobrepunha-se ao som das ondas.

Pug acelerou o passo ao chegar ao primeiro trecho de praia aberta. A tempestade se aproximava a uma velocidade maior do que julgara possível, trazendo a maré que subia. Quando alcançou outro trecho de poças deixadas pela maré, pouco mais de três metros de areia seca dividiam a beira da água da falésia.

Pug avançou pelos rochedos o mais depressa que conseguiu sem colocar-se em perigo, quase prendendo os pés por duas vezes. Ao chegar ao trecho seguinte, errou o cálculo do salto e caiu de mau jeito. Tombou na areia, agarrado ao tornozelo. Como se estivesse aguardando o incidente, a maré precipitou-se, cobrindo-o momentaneamente. Estendeu a mão sem conseguir ver nada e sentiu a sacola ser levada. Na agitação para tentar agarrá-la, Pug se atirou para a frente e o tornozelo cedeu. Afundou-se, engolindo água. Levantou a cabeça, cuspidando e tossindo. Começou a se levantar, mas uma segunda onda, mais alta que a anterior, atingiu-o no peito, derrubando-o. Pug tinha crescido brincando nas ondas e era um nadador experiente, mas a dor no tornozelo e a força das sucessivas vagas o deixavam à beira do pânico. Debateu-se e emergiu para respirar quando a onda recuou. Nadando desajeitado, dirigiu-se à parte exterior da falésia, pois sabia que lá a água teria poucos centímetros de profundidade.

Ao alcançar a falésia, Pug se apoiou nela, tentando não colocar o peso do corpo sobre o pé machucado. Avançou devagar junto à rocha, enquanto a maré subia um pouco mais a cada onda. Quando chegou aonde conseguiria, por fim, começar a subir, a água já lhe batia pela cintura. Teve de usar todas as suas forças para escalar até o caminho. Ofegante, ficou deitado por um momento, para depois começar a arrastar-se ao longo do caminho,

sem querer confiar no teimoso tornozelo para atravessar aquela passagem pedregosa.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair. Avançando com dificuldade, ferindo os joelhos e as canelas nas rochas, alcançou o topo coberto de grama da falésia. Exausto, Pug caiu para a frente, ofegando devido ao esforço da escalada. As gotas dispersas deram lugar a uma chuva leve e constante.

Depois de recuperar o fôlego, Pug sentou-se e examinou o tornozelo inchado. Estava sensível ao toque, mas ficou mais tranquilo quando conseguiu movê-lo: não estava quebrado. Teria de mancar todo o caminho de volta, mas diante da ameaça de afogamento na praia atrás dele, sentiu-se relativamente otimista.

Pug chegaria à vila como um coitado, ensopado e com frio. Lá teria de encontrar um lugar para passar a noite, pois os portões de acesso ao castelo já estariam fechados. Com o tornozelo machucado, sequer tentaria subir no muro atrás das cavalariças.

Além disso, se esperasse e entrasse escondido na fortaleza no dia seguinte, somente Megar o repreenderia; mas, se fosse apanhado subindo no muro, Fannon, o Mestre de Armas, ou Algon, o Estribeiro-Mor, certamente lhe dariam muito mais do que uma reprimenda.

Enquanto descansava, a chuva tornou-se insistente, e o céu escureceu à medida que o sol de fim de tarde foi sendo completamente engolido pelas nuvens de tempestade. O alívio momentâneo deu lugar a uma raiva contra si mesmo por ter perdido o saco de animais rastejadores. O descontentamento duplicou ao pensar na loucura de ter adormecido. Se tivesse ficado acordado, teria feito a viagem de volta sem preocupações, não teria torcido o pé e teria tido tempo para explorar o leito do riacho acima da falésia, em busca dos seixos lisos que tanto gostava de jogar. Agora estava sem seixos e levaria pelo menos uma semana até que pudesse voltar lá. Isso se Megar não enviasse outro garoto no seu lugar, o que era provável, já que regressaria de mãos vazias.

Pug voltou sua atenção para o desconforto de estar sentado na chuva e decidiu que estava na hora de seguir em frente. Levantou-se e testou o tornozelo, que reclamou do tratamento; Pug, porém, achava que dava para aguentar. Mancou pela relva até o local onde tinha deixado seus pertences e pegou a mochila, o cajado e a funda. Deixou escapar um palavrão, que ouvira da boca dos soldados do castelo, ao descobrir a mochila rasgada, e ao perceber que o pão e o queijo haviam desaparecido. Guaxinins, ou talvez lagartos da areia, pensou. Atirou a mochila inutilizada para o lado e pensou na sua pouca sorte.

Respirando fundo, apoiou-se no cajado e começou a atravessar as baixas colinas ondulantes que separavam a falésia da estrada. Havia arvoredos baixos espalhados pela paisagem e Pug lamentou não ter um abrigo melhor por perto, uma vez que nada havia no alto da falésia. Não ficaria mais encharcado arrastando-se até a vila do que se ficasse debaixo de uma árvore.

O vento voltou a soprar e ele sentiu o primeiro arrepio de frio nas costas geladas. Tiritou e apressou o passo tanto quanto conseguiu. As pequenas árvores começaram a dobrar com o vento, e Pug teve a sensação de que uma enorme mão o empurrava. Ao alcançar a estrada, virou para o norte. Ouvia o som arrepiante da grande floresta a leste, o vento assobiando nos ramos dos velhos carvalhos, contribuindo para o seu aspecto detestável. As clareiras sombrias da floresta não seriam mais perigosas do que a estrada do Rei, mas lembranças de lendas de criminosos e outros malfeitores, de características pouco humanas, puseram os cabelos da nuca do garoto em pé.

Atravessando a estrada do Rei, Pug conseguiu algum abrigo no pequeno barranco ao longo desta. O vento se intensificou e a chuva feria-lhe os olhos, fazendo escorrer lágrimas pelo rosto já molhado. Foi atingido por uma rajada e caminhou aos tropeções por um instante. A água estava subindo no barranco paralelo à estrada, e ele teve de avançar com cautela para não perder o equilíbrio em poças fundas e inesperadas.

Ao longo de quase uma hora, abriu caminho através da tempestade que ganhava força. A estrada virava para noroeste, fazendo-o ficar praticamente de frente para o vento sibilante. Pug se inclinou na direção do vento, com a camiseta sendo agitada para trás. Engoliu em seco, tentando reprimir o pânico sufocante que crescia dentro dele. Sabia que corria perigo, pois a tempestade estava atingindo uma violência muito além do normal para aquela época do ano. Gigantescos relâmpagos irregulares iluminavam a paisagem sombria, contrastando por breves instantes as árvores e a estrada, branco brilhante e preto opaco. As ofuscantes imagens residuais, preto e branco invertidos, permaneciam vivas durante algum tempo, confundindo-lhe os sentidos. Os enormes estrondos dos trovões acima da sua cabeça pareciam agressões físicas. Naquele momento, o medo da tormenta ultrapassava o medo de supostos saltadores e goblins. Decidiu caminhar entre as árvores na beira da estrada; o vento diminuiria um pouco devido aos troncos dos carvalhos.

Quando a floresta já estava próxima, um estouro o fez parar subitamente. Na escuridão da tempestade, mal conseguiu distinguir a forma de um javali negro da floresta quando este surgiu repentinamente do matagal. O animal saiu dos arbustos aos tropeços, perdeu o equilíbrio e arrastou-se por alguns

metros. Pug conseguiu vê-lo nitidamente, enquanto o animal o fitava, balançando a cabeça de um lado para outro. As duas enormes presas pareciam brilhar na luz baça, enquanto delas escorriam gotas de chuva. O medo arregalava-lhe os olhos e as patas raspavam o chão. Os porcos da floresta tinham mau temperamento, na melhor das hipóteses, ainda que normalmente evitassem humanos. O javali estava em pânico devido ao temporal e Pug sabia que, se o animal atacasse, poderia se ferir seriamente, talvez até morrer.

Imóvel, Pug preparou-se para girar o cajado, embora tivesse esperança de que o porco voltasse para a floresta. O javali ergueu a cabeça, averiguando o cheiro do garoto, levado pelo vento. Os seus olhos cor-de-rosa pareciam refulgir, enquanto estremecia, indeciso. Um som fez com que se virasse por um instante na direção das árvores, para depois baixar a cabeça e atacar.

Pug rodopiou seu cajado, fazendo-o descer num golpe que atingiu de lado a cabeça do porco, virando-a. O animal deslizou no solo enlameado, atingindo as pernas do garoto. Pug caiu ao chão quando o javali passou por ele, virando-se para uma nova investida.

De repente, o porco estava prestes a alcançá-lo e Pug já não tinha tempo de se levantar. Jogou o cajado à sua frente na vã tentativa de fazer o animal mudar mais uma vez de direção. O javali esquivou-se e Pug tentou rolar para fugir, mas sentiu um peso cair em cima de seu corpo. Cobriu o rosto com as mãos, mantendo os braços junto ao peito, esperando ser perfurado pelas presas.

Pouco depois, percebeu que o porco estava imóvel. Descobrimo o rosto, viu o animal estendido sobre a parte inferior de suas pernas, com uma flecha de cerca de um metro, com uma pena preta na ponta, fincada no flanco. Pug olhou para a floresta. Um homem, trajando couro marrom, estava junto às árvores, enrolando velozmente um arco longo de soldado com uma cobertura oleada. Assim que a arma valiosa ficou protegida do clima, o homem avançou até o garoto e o animal.

De capa e capuz, seu rosto estava escondido. Ajoelhou-se ao lado de Pug e gritou para se fazer ouvir acima do ruído do vento, enquanto levantava com destreza o javali morto das pernas de Pug:

— Tudo bem, garoto? Ossos quebrados?

— Acho que não — Pug também gritou, concentrando-se no corpo. O flanco direito estava dolorido e as pernas pareciam igualmente machucadas. Com o tornozelo ainda dolorido, ele se sentia maltratado naquele dia, mas não parecia ter nenhum osso quebrado, nem qualquer dano irreversível.

Grandes mãos musculosas o colocaram de pé.

— Tome — ordenou o homem, passando-lhe o cajado e o arco que trazia. Pug segurou-os, enquanto o desconhecido estripava velozmente o javali com uma enorme faca de caça. Concluiu o trabalho e virou-se para Pug: — Venha, garoto. É melhor passar a noite comigo e com o meu amo. Não é longe, mas é melhor apertarmos o passo. Esta tempestade ainda vai piorar antes de acalmar. Consegue andar?

Dando um passo inseguro, Pug confirmou. Sem uma palavra, o homem colocou o porco no ombro e pegou o arco.

— Ande — disse, virando-se na direção da floresta. Partiu num passo rápido que Pug teve dificuldade em acompanhar.

A floresta pouco abrigava da violência da tempestade, o que impossibilitava qualquer diálogo. Um relâmpago iluminou momentaneamente a cena e Pug viu de relance o rosto do homem. Tentou recordar-se se já havia visto o desconhecido em outra ocasião. Tinha a aparência comum dos caçadores e habitantes que viviam na floresta de Crydee: ombros largos, alto e corpulento. Tinha barba e cabelo escuros e o aspecto grosseiro e desgastado de alguém que passa grande parte do tempo ao ar livre.

Durante um breve devaneio, o garoto imaginou que aquele homem pudesse pertencer a um bando de salteadores escondido no coração da floresta. Mudou de ideia, pois nenhum salteador se preocuparia com um servo do castelo, nitidamente sem nem um tostão.

Recordando-se de que o homem mencionara um amo, Pug desconfiou ser um homem livre, que vivia nas terras de um senhor.

Podia estar ao seu serviço, sem ser um servo. Homens livres de nascimento cediam uma parte da colheita ou algumas cabeças de gado em troca do uso da terra. Pug chegou a essa conclusão, já que nenhum servo teria permissão para andar com um arco, um objeto extremamente valioso — e perigoso. Ainda assim, Pug não se lembrava de nenhuma propriedade desse gênero na floresta. Era um mistério para o garoto, mas o preço das desventuras do dia afastava rapidamente qualquer tipo de curiosidade.

Após o que pareceram horas, o homem embrenhou-se na mata. Pug quase o perdeu na escuridão, pois o sol se havia posto há algum tempo, levando com ele a tênue luz permitida pela tempestade. Seguiu o homem mais pelo som dos passos e pela consciência da sua presença do que pela visão. Pug sentiu estar num caminho entre árvores, pois os passos não encontravam resistência de arbustos nem de detritos da terra. Olhando de onde estavam momentos antes, o caminho seria difícil de ser encontrado à luz do dia, e impossível à noite, a menos que já fosse conhecido. Pouco depois, chegaram

a uma clareira, no meio da qual havia um pequeno chalé. Via-se luz numa única janela e fumaça saía da chaminé. Atravessaram a clareira e Pug ficou intrigado com a relativa calma da tempestade naquele exato ponto da floresta.

Uma vez diante da porta, o homem afastou-se para o lado, dizendo:

— Entre, garoto. Tenho de preparar o porco.

Acenando com a cabeça em silêncio, Pug empurrou a porta e entrou.

— Feche essa porta, garoto! Vai me fazer apanhar um resfriado que será a minha morte.

Pug apressou-se em obedecer, batendo a porta com mais força do que pretendia.

Virou-se, olhando o que estava à sua frente. O interior do chalé era composto por um único cômodo. Em uma das paredes estava a chaminé, com uma lareira espaçosa embaixo. Nela ardia um fogo vivo e reconfortante, lançando um brilho acolhedor. Ao lado, ficava uma mesa, atrás da qual se via uma figura corpulenta de vestes amarelas. A barba e os cabelos grisalhos quase lhe cobriam por completo a cabeça, deixando de fora apenas um par de intensos olhos azuis que tremeluziam à luz da lareira. Um cachimbo comprido surgia da barba, produzindo grandes baforadas de fumaça pálida.

Pug conhecia o homem.

— Mestre Kulgan... — começou, pois o homem era o mago e conselheiro do Duque, um rosto familiar na torre do castelo.

Kulgan concentrou o olhar em Pug para depois proferir com uma voz grave, propensa a profundos sons retumbantes e entonações poderosas:

— Quer dizer então que me conhece?

— Sim, senhor. Do castelo.

— Qual é seu nome, garoto do castelo?

— Pug, Mestre Kulgan.

— Agora me lembro de você. — O mago acenou com a mão distraidamente. — Não me chame de “Mestre”, Pug, ainda que eu seja justamente designado como mestre das minhas artes — disse, com um alegre enrugamento ao redor dos olhos. — Tive um nascimento superior ao seu, é verdade, mas a diferença não é grande. Vamos, há um cobertor junto à lareira e você está encharcado. Pendure as suas roupas para que sequem e depois venha sentar-se aqui. — Indicou o banco do outro lado da mesa.

Pug fez como lhe foi ordenado, mantendo um olho no mago o tempo todo. Ele fazia parte da corte do Duque, mas não deixava de ser mago, alvo de desconfiança, geralmente tido em baixa consideração pelo povo. Se a vaca de um fazendeiro paria um monstro ou se as plantações eram

atacadas pela praga, os aldeões costumavam atribuir esses acontecimentos a algum mago à espreita nas sombras. Em tempos não muito distantes, provavelmente teriam apedrejado Kulgan de Crydee. A posição de que gozava junto ao Duque valia-lhe a tolerância dos habitantes, mas, na verdade, os medos antigos não desapareciam de um dia para outro.

Depois de pendurar a roupa, Pug sentou-se. Assustou-se ao reparar num par de olhos rubros que o fitavam além da mesa do mago. Uma cabeça coberta de escamas ergueu-se acima do tampo de madeira e examinou o garoto.

Kulgan riu de seu desconforto:

— Ora, rapaz, Fantus não vai comer você. — Ele deixou cair a mão até a cabeça da criatura sentada ao seu lado no banco, e coçou a saliência acima de seus olhos. Ela os fechou e emitiu um suave som arrastado, não muito diferente do ronronar de um gato.

Pug fechou a boca, que tinha se escancarado de surpresa, e perguntou:

— É mesmo um dragão, senhor?

O mago, bem-disposto, deu uma gargalhada sonora.

— Às vezes ele julga que é, garoto. Fantus é um dragonete-de-fogo, um primo do dragão, embora menor. — A criatura abriu um único olho, fixando-o no mago. — Mas de igual coragem — Kulgan acrescentou imediatamente, e o dragonete voltou a fechar o olho. Kulgan falou em voz baixa, num tom de conspiração: — É muito inteligente, por isso tenha cuidado com o que fala. É uma criatura de sensibilidade extremamente apurada.

Pug acenou com a cabeça, confirmando que assim faria.

— Ele consegue cuspir fogo? — perguntou, os olhos arregalados de espanto. Para qualquer garoto de treze anos, mesmo o primo de um dragão era digno de reverência.

— Quando lhe dá vontade, consegue expelir uma ou outra chama, embora seja raro estar com disposição para tanto. Creio que isso se deva à dieta abundante que lhe proporcione. Há anos não tem necessidade de caçar, por isso está um tanto fora de forma. Na verdade, estrago-o desavergonhadamente com mimos.

Pug achou aquela explicação de certa forma tranquilizadora. O fato de o mago gostar tanto daquela criatura, por mais bizarra que fosse, a ponto de estragá-la com mimos, fazia Kulgan parecer mais humano, menos misterioso. Pug examinou Fantus, admirando o modo como as chamas realçavam suas escamas verde-esmeralda, conferindo-lhes tons dourados. Do tamanho aproximado de um pequeno cão de caça, o dragonete possuía um longo e sinuoso pescoço, no alto do qual repousava uma cabeça semelhante

à de um jacaré. Tinha as asas dobradas nas costas e duas patas com garras estendidas à sua frente, golpeando o ar sem alvo específico, enquanto Kulgan coçava por detrás das saliências ossudas de seus olhos. A cauda comprida movia-se para trás e para a frente, a poucos centímetros do chão.

A porta abriu-se e o corpulento arqueiro entrou, com o lombo do javali preparado em um espeto. Sem proferir uma só palavra, atravessou o chalé até a lareira e pôs a carne para assar. Fantus ergueu a cabeça, usando o pescoço comprido para espreitar por cima da mesa. Estalando a língua bifurcada, o dragonete saltou para o chão e, de um modo imponente e vagaroso, avançou até a lareira. Escolheu um ponto quente diante do fogo e enroscou-se para cochilar até o jantar.

O homem livre desamarrou a capa, pendurando-a em um cabide junto à porta.

— A tempestade passará antes de o dia raiar, eu acho. — Retornou à lareira e preparou um molho de vinho e ervas aromáticas para a carne. Pug ficou surpreso com a enorme cicatriz que percorria o lado esquerdo do rosto do homem, avermelhada e inflamada à luz do fogo.

Kulgan acenou com o cachimbo em sua direção.

— Conhecendo bem esse carrancudo, estou certo de que não foram devidamente apresentados. Meecham, este é Pug, da torre do Castelo de Crydee. — Meecham fez um ligeiro aceno com a cabeça, e voltou a dar atenção ao lombo que assava.

Pug devolveu o aceno, embora um pouco tarde para que Meecham reparasse.

— Esqueci de agradecer por ter me salvado do javali.

Ao que Meecham replicou:

— Não é preciso agradecer, garoto. Se eu não tivesse assustado o animal, provavelmente ele não teria atacado. — Deixou a lareira e atravessou para outra parte da casa, tirou uma massa marrom de um recipiente coberto por um pano e começou a sová-la.

— Bem, senhor — disse Pug a Kulgan —, foi a flecha dele que matou o porco. Foi uma sorte Meecham estar seguindo o animal.

Kulgan deu uma gargalhada.

— A pobre criatura, que é o convidado mais desejado da noite, foi tão vítima das circunstâncias quanto você.

Pug ficou perplexo.

— Não entendo, senhor.

Kulgan levantou-se e retirou um objeto da última prateleira da estante,

colocando-o na mesa, diante do rapaz. Estava coberto por um pano de veludo azul-escuro, Pug soube imediatamente que deveria se tratar de um objeto valioso, visto que estava protegido por um tecido tão caro. Kulgan retirou o veludo, revelando um globo de cristal que refulgia à luz do fogo. Pug emitiu um *ah!*, maravilhado com a beleza do objeto, pois não tinha imperfeições visíveis e era magnífico na simplicidade de sua forma.

Kulgan apontou para a bola de cristal, dizendo:

— Este instrumento foi concebido como um presente por Althafain de Carse, um poderoso artífice de magia, que me julgou digno de tal objeto por ter-lhe prestado um ou dois favores no passado, mas isso pouco importa. Acabei de retornar de uma visita a Mestre Althafain e estava testando esta lembrança. Olhe profundamente para o globo, Pug.

Pug fixou o olhar na bola e tentou seguir o bruxulear das chamas que pareciam brincar nas profundezas da sua estrutura. Os reflexos da sala, multiplicados, fundiam-se e dançavam enquanto o seu olhar tentava se fixar em cada aspecto da esfera. Derivavam e mesclavam-se, tornando-se turvos e obscuros. Um suave brilho branco no centro do orbe substituiu o vermelho das chamas e Pug sentiu o olhar aprisionado pelo calor agradável que emitia. Como o quentinho da cozinha na torre, pensou distraidamente.

De repente, o branco leitoso dentro da esfera esvaiu-se e Pug conseguiu ver uma imagem da cozinha na frente dos seus olhos. Alfan Gordo, o cozinheiro, estava fazendo bolos, lambendo as migalhas doces das pontas dos dedos. Isso desencadeou a fúria de Megar, o mestre cozinheiro, que a descarregou sobre Alfan, pois considerava o gesto um hábito repugnante. Pug riu da cena, à qual tinha assistido diversas vezes, mas logo ela desapareceu. Subitamente, sentiu-se cansado.

Kulgan envolveu o globo de cristal no pano e o guardou.

— Você se comportou bem, garoto — disse, com um ar pensativo. Ficou observando Pug por alguns momentos, como se estivesse ponderando, e depois se sentou. — Não desconfiava de que era capaz de obter uma imagem tão nítida logo na primeira tentativa, mas você parece ser mais do que aparenta à primeira vista.

— Senhor?

— Deixe estar, Pug. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Eu estava usando aquele brinquedo pela primeira vez, avaliando até que distância conseguiria enviar a minha visão, quando vi você indo para a estrada. Pela forma como mancava e pelo aspecto maltratado, imaginei que nunca conseguiria chegar até a vila, por isso enviei Meecham para buscá-lo.

Pug pareceu envergonhado com a atenção incomum que lhe era dispensada; seu rosto começou a enrubescer. Disse, com o orgulho que um garoto de treze anos tem de suas próprias capacidades:

— Não precisava ter feito isso, senhor. Eu teria chegado à vila a tempo.

Kulgan sorriu.

— Talvez sim, mas, por outro lado, talvez não. A tempestade está muito rigorosa para a época e perigosa para quem viaja.

Pug ouviu o leve tamborilar da chuva no telhado do chalé. A tempestade parecia ter diminuído e ele duvidava das palavras do mago. Como se tivesse lido o pensamento do garoto, Kulgan disse:

— Não duvide das minhas palavras, rapaz. Esta clareira está protegida por mais do que enormes troncos. Caso ultrapassasse o círculo de carvalhos que marca o limite de minhas terras, sentiria a fúria da tempestade. Meecham, como avalia este vento?

Meecham largou a massa de pão que estava sovando e pensou por um momento.

— Quase tão forte quanto a tormenta que fez seis embarcações encalharem há três anos. — Parou por um instante, como se estivesse reconsiderando o cálculo, e então acenou uma confirmação. — Sim, quase tão grave, ainda que não dure tanto tempo.

Pug voltou três anos na memória, até se lembrar da tempestade que tinha arrastado uma frota mercante de Queg, com destino a Crydee, contra os rochedos da Mágoa dos Marinheiros. No auge da tormenta, os guardas das muralhas do castelo tinham sido forçados a permanecer nas torres, a fim de não serem arrastados pelas rajadas. Se a tempestade fosse dessa gravidade, a magia de Kulgan era impressionante, pois fora do chalé não parecia mais grave do que uma chuva de primavera.

Kulgan recostou-se no banco, entretido em tentar acender o cachimbo apagado. Ao produzir uma enorme baforada de fumaça branca e suave, a atenção de Pug desviou-se para a estante de livros atrás do mago. Os lábios moveram-se em silêncio, enquanto tentava discernir o que estava escrito nas encadernações, sem sucesso.

Kulgan arqueou uma sobrancelha e disse:

— Quer dizer que sabe ler?

Pug assustou-se, alarmado diante da hipótese de ter ofendido o mago, intrometendo-se em seu domínio. Kulgan, pressentindo o desconforto, disse:

— Não faz mal, garoto. Não é crime conhecer as letras.

Pug sentiu o mal-estar atenuar-se.

— Consigo ler um pouco, senhor. Megar, o cozinheiro, ensinou-me a ler os letreiros dos suprimentos reservados à cozinha nos porões. Também sei alguns números.

— E números também — exclamou o mago, afavelmente. — Bem, você é como um pássaro raro. — Voltou-se e retirou da prateleira um tomo, encadernado em couro vermelho-acastanhado. Abriu-o, dando uma olhada de relance na página, depois em outra, até, por fim, encontrar a que satisfazia suas exigências. Virou o livro ao contrário e o colocou na mesa à frente de Pug. Kulgan apontou para uma página decorada por uma magnífica ilustração de serpentes, flores e videiras entrelaçadas num desenho colorido ao redor de uma letra enorme no canto superior esquerdo.

— Leia isto, garoto.

Pug nunca havia visto nada vagamente parecido com aquilo. Tivera aulas com o auxílio de um pergaminho simples e letras escritas a carvão, na caligrafia rude de Megar. Sentou-se, fascinado pelo detalhe do trabalho, até perceber que o mago o olhava fixamente. Concentrando-se, começou a ler.

— Foi então que chegou um chama... chamamento de... — Ficou olhando a palavra, esbarrando nas combinações complexas que surgiam como novidade. — ... Zacara. — Fez uma pausa, olhando para Kulgan de modo a confirmar se havia pronunciado a palavra corretamente. O mago acenou para que prosseguisse. — Pois o norte ameaçava cair no esquec... esquecimento, não fosse o centro do império def... definhar e tudo se perder. E, ainda que nascidos em Bosnia, aqueles soldados continuavam leais ao Grande Kesh, a quem serviam. Assim, por necessidade extrema, pegaram em armas, vestiram armaduras e deixaram Bosnia, embarcando rumo ao sul, para salvarem a todos da destruição.

Kulgan interrompeu:

— É o bastante. — E fechou delicadamente a capa do livro. — Você é muito dotado nas letras para um garoto da torre.

— Este livro, senhor, o que é? — perguntou Pug enquanto Kulgan o retirava de suas mãos. — Nunca vi outro igual.

Kulgan o olhou por um instante, deixando-o novamente desconfortável, e logo sorriu, quebrando a tensão. Ao guardar o livro no lugar, disse: — É uma história desta terra, meu rapaz. Foi um presente do abade de um mosteiro ishapiano. É a tradução de um texto keshiano com mais de cem anos.

Pug acenou com a cabeça dizendo:

— Parecia tudo muito estranho. O que conta?

Kulgan voltou a encará-lo como se tentasse ver algo dentro do garoto, dizendo, em seguida:

— Há muito tempo, Pug, todas estas terras, desde o Mar Interminável, passando pela Cordilheira das Torres Cinzentas, até o Mar Amargo, faziam parte do Império do Grande Kesh. Mais longe, a leste, existia um pequeno reino, numa ilhota chamada Rillanon. Cresceu a ponto de engolir os reinos das ilhas vizinhas, tornando-se o Reino das Ilhas. Depois, expandiu-se novamente para o continente e, ainda que continue a ser o Reino das Ilhas, a maioria de nós o chama, simplesmente, de “o Reino”. Nós, que vivemos em Crydee, fazemos parte do Reino, pois permanecemos dentro das suas fronteiras, ainda que nos encontremos no ponto mais distante da capital de Rillanon. A certa altura, muitos, muitos anos atrás, o Império do Grande Kesh abandonou estas terras, pois estava envolvido em um longo e sangrento conflito com os seus vizinhos do sul, a Confederação Keshiana.

Pug estava arrebatado pela grandiosidade de impérios perdidos e, ainda assim, também esfomeado o bastante para reparar que Meecham colocava vários pãezinhos de massa escura na fornalha da lareira. Voltou a prestar atenção no mago.

— O que era a Confederação Kesh...?

— A Confederação Keshiana — terminou Kulgan por ele — era um grupo de pequenas nações que existiam há séculos como estados tributários do Grande Kesh. Doze anos antes de aquele livro ser escrito, elas uniram-se contra o opressor. Cada uma, por si só, não conseguiria competir com o Grande Kesh, mas unidas provaram estar à altura dele, de tal forma que a guerra acabou por se arrastar ano após ano. O Império se viu obrigado a retirar as legiões das províncias do norte e enviá-las para o sul, deixando o norte vulnerável aos avanços do novo e jovem Reino. Foi o avô do Duque Borric, o filho mais novo do Rei, que levou o exército para oeste, expandindo o Reino Ocidental. Desde então, tudo o que pertenceu anteriormente à antiga província imperial de Bosania, com exceção das Cidades Livres de Natal, é designado como Ducado de Crydee.

Pug pensou um instante, para depois dizer:

— Acho que gostaria de viajar até esse Grande Kesh um dia.

Meecham resfolegou, produzindo um som que se aproximou de uma gargalhada.

— E de que forma viajaria? Como flibusteiro?

Pug sentiu o rosto corar. Os flibusteiros eram homens sem terra, mercenários que combatiam por dinheiro e eram considerados pouco melhores do que os salteadores.

Kulgan prosseguiu:

— Talvez um dia possa fazê-lo, Pug. O caminho é longo e repleto de perigos, mas não seria a primeira vez que uma alma corajosa e sincera conseguiria sobreviver à viagem. Já houve acontecimentos mais estranhos.

A conversa ao redor da mesa desviou-se para tópicos mais comuns, pois o mago estivera mais de um mês no castelo ao sul, em Carse, e queria ouvir as novidades de Crydee. Quando o pão ficou pronto, Meecham serviu-o quente, cortou o lombo de porco e trouxe pratos de queijo e legumes. Pug nunca comera tão bem na vida. Mesmo quando trabalhava na cozinha, a posição de garoto da torre assegurava-lhe parcas refeições. Por duas vezes no decorrer do jantar, Pug reparou que o mago o olhava com um ar pensativo.

Quando a refeição terminou, Meecham levantou-se da mesa e começou a lavar os pratos com areia limpa e água doce, enquanto Kulgan e Pug ficaram sentados conversando. Restava um único pedaço de carne na mesa, que Kulgan atirou para Fantus, deitado diante da lareira. O dragonete abriu um olho para observar o pedaço de carne. Por um instante, pesou a escolha entre o repouso confortável e o naco suculento, até que se deslocou meia dúzia de centímetros, o que lhe permitiu devorar a carne, e voltou a fechar o olho.

Kulgan acendeu o cachimbo e, assim que ficou satisfeito com a fumaça, perguntou:

— Quais são os seus planos para a idade adulta, rapaz?

Pug estava lutando contra o sono, mas a pergunta de Kulgan o despertou. Aproximava-se o momento da Escolha, em que os garotos da vila e do castelo eram selecionados como aprendizes, e Pug entusiasmou-se ao dizer:

— No próximo Solstício de Verão espero ficar a serviço do Duque, sob a orientação do Mestre de Armas Fannon.

Kulgan fitou o hóspede franzino.

— Imaginei que ainda lhe faltava um ano ou dois até se tornar aprendiz, Pug.

Meecham emitiu um som que ficava entre uma gargalhada e um grunhido.

— Não acha que é muito fracote para andar carregando espadas e escudos, garoto?

Pug corou. No castelo, era o menor menino da sua idade.

— Megar, o cozinheiro, disse que devo crescer mais tarde — justificou, num tom muito sutil de desafio. — Ninguém sabe quem eram os meus pais, por isso não sabem o que esperar.

— Quer dizer que é órfão? — perguntou Meecham, erguendo uma sobrancelha, o seu gesto mais expressivo até então.

Pug assentiu.

— Fui deixado com os Sacerdotes de Dala, na abadia da montanha, por uma mulher que disse ter me encontrado na estrada. Eles me trouxeram para o castelo, pois não tinham como cuidar de mim.

— Sim — atestou Kulgan —, recordo-me do dia em que aqueles que veneram o Escudo dos Fracos levaram você para o castelo. Não passava de um bebê que acabava de ter sido desmamado. O fato de ser hoje um homem livre deve-se unicamente à bondade do Duque. Ele julgou que não seria tão grave libertar o filho de um escravo quanto escravizar o filho de um homem livre. Sem provas, teria direito de declará-lo escravo.

Meecham disse, numa voz cautelosa:

— Bom homem, o Duque.

Pug ouvira mais de cem vezes a história das suas origens contada por Magya, na cozinha do castelo. Sentiu-se completamente esgotado, mal conseguindo manter os olhos abertos. Kulgan reparou e chamou a atenção de Meecham. O enorme homem retirou alguns cobertores de uma prateleira e começou a preparar um catre. Quando acabou, Pug já havia adormecido com a cabeça em cima da mesa. As enormes mãos de Meecham ergueram-no delicadamente do banco e o colocaram nos cobertores, cobrindo-o em seguida.

Fantus abriu os olhos e observou o garoto adormecido. Com um bocejo que fez lembrar um lobo, moveu-se rapidamente até Pug, aninhando-se junto do garoto. Adormecido, Pug mudou de posição e passou um braço por cima do pescoço do dragonete. O animal emitiu um grunhido de aprovação, vindo das profundezas de sua garganta, e voltou a fechar os olhos.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)